XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES E A EUROPA DO RENASCIMENTO

NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

SEPARATA DOS CATÁLOGOS

Lisboa, 1986

INTRODUÇÃO

Ver a História nas Moedas
As moedas núcleo a núcleo
Moedas Comemorativas da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura

CONVENTO DA MADRE DE DEUS

Instrumentos de troca: a moeda

Moeda Muçulmana: morabitinos e dobras portuguesas
A cunhagem portuguesa de imitação
A moeda do sistema europeu: moeda de bolhão e moeda de prata
A depreciação da moeda no reinado de D. Fernando de Portugal

CASA DOS BICOS

Medalhas-Retratos de figuras da Casa de Avis
A moeda no quotidiano da dinastia de Avis

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Moedas renascentistas
Medalhas renascentistas

TORRE DE BELÉM

Moedas comerciais portuguesas na rota africana e da Índia
Moeda Luso-Indiana
Moedas representando peças de armaria e fortalezas
As moedas da Resistência de D. António nos Açores

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

Evolução da moeda portuguesa de cobre
Evolução da moeda portuguesa de bolhão e de prata
Evolução do ouro português amoedado
Da moeda-prestígio ao prestígio da moeda: Portugueses e Portugalösers

BIBLIOGRAFIA

Numismática
Medalhística

Anv. ..... Anverso
ca ..... cerca de
cm ..... centímetros
Col. ..... Colecção
d.C ..... depois de Cristo
ϕ ..... diâmetro
g ..... gramas
inv. ..... inventário
mm. ..... milímetros
Rev. ..... Reverso
s. d. ..... sem data
séc. ..... século(s)
s. inv. ..... sem n. de inventário
s. n. ..... sem número

VER A HISTÓRIA NAS MOEDAS

A XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura veio permitir a montagem de uma das maiores e mais completas exposições de numismática desde sempre realizadas no nosso País, concebida e realizada em moldes inéditos internacionalmente, abrangendo mais de 500 anos de História de Portugal, com especial incidência no período dos Descobrimentos.
Com o patrocínio do Comissariado para a XVII Exposição, e sob os auspícios do Conselho da Europa, foi possível reunir mais de 700 moedas e medalhas pertencentes às mais significativas colecções nacionais e estrangeiras, que doutro modo teria sido impossível exibir em conjunto.
O planeamento dos exemplares a expor e respectivos pedidos de empréstimo, teve início em princípios de 1982, após aprovação do plano exposicional que considerava a representação da moeda e da medalha em cada um dos cinco núcleos, de forma a concorrerem para a leitura dos respectivos temas.
Deste facto resultou um aspecto interessante: a numismática foi a única disciplina presente sectorialmente em todos os núcleos da XVII Exposição, apresentando, na globalidade, uma sequência ordenada de apoio histórico e documental, de acordo com o espírito da própria exposição.
Como resultado desse planeamento e para que a moeda pudesse responder a cada uma das temáticas propostas, rapidamente se chegou à conclusão de que, nos casos dos exemplares mais raros, o recurso às principais colecções nacionais era manifestamente insuficiente para se obter a cobertura completa dos 5 núcleos, havendo, portanto, necessidade de se recorrer a empréstimos de instituições estrangeiras, detentoras de importantes colecções de moedas portuguesas.
Por tal facto desde logo se pensou, também, em aproveitar esta ocasião única para se proceder à inventariação das mais raras moedas portuguesas na posse de museus estrangeiros, bem como ensaiar uma tentativa de detecção de exemplares desconhecidos, cujo registo da sua possível existência apenas constava em breves referências em crónicas ou em descrições coevas.
Lançou-se então um vasto pedido de informação a 35 museus estrangeiros espalhados por todo o mundo, do qual resultou o empréstimo de 21 moedas de ouro e 1 de prata. Infelizmente não se conseguiu localizar o paradeiro desses tais famosos numismas desconhecidos, nomeadamente, a *dobra* de ouro de D. Pedro I, o *escudo* de ouro de D. Duarte I, o *português* e o *índio* de prata de D. Manuel I.
Obtida a confirmação da cedência das cerca de 700 moedas e medalhas requisitadas pelo Comissariado, a sua distribuição pelos diferentes núcleos obedeceu aos critérios definidos para as respectivas temáticas, de forma a evitar-se, tanto quanto possível, por razões de segurança, a dispersão de exemplares petencentes a uma mesma colecção.
E a esse respeito será de referir o notável espírito de colaboração demonstrado pela grande maioria das entidades cedentes, quer nacionais, quer estrangeiras, nomeadamente:

— *Imprensa Nacional - Casa da Moeda (Lisboa)*
— *União de Bancos Portugueses (Porto)*
— *Fundação Engenheiro António de Almeida (Porto)*
— *Fundação da Casa de Bragança (Vila Viçosa)*
— *Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)*
— *Biblioteca Nacional (Lisboa)*

De uma *colecção particular,* veio o raríssimo *meio português de prata,* de D. Manuel I, de que se conhecem apenas dois exemplares; das instituições estrangeiras contactadas, vieram raros exemplares do *Museu Britânico,* do *Museu Histórico de Viena,* do *Museu de Hamburgo,* do *Museu de Amesterdão* e da famosa colecção numismática do *Museu da Universidade de Leiden.*

Na visita aos diferentes núcleos da XVII Exposição pode assim observar-se que as moedas e as medalhas renascentistas, como objectos da maior importância histórica e documental, ocuparam o seu lugar com naturalidade junto de outras notáveis peças que nos contam a história dos Descobrimentos e que hoje testemunham essa gesta heróica de um povo de fracos recursos, que modificou a história da Humanidade.

António Miguel Trigueiros

AS MOEDAS
NÚCLEO A NÚCLEO

MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

(Os antecedentes dos Descobrimentos)

*** Moeda muçulmana, morabitinos e dobras portuguesas**

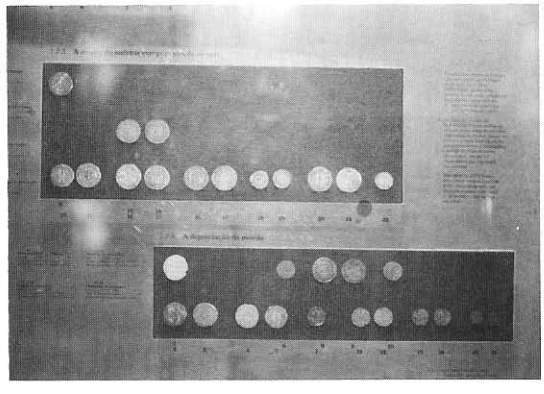
Dinares almorávidas e dobras almóadas. Morabitinos Portugueses de D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho II. Dobras castelhanas de D. Pedro I e portuguesas de D. Fernando I. Moedas de ouro francesas.

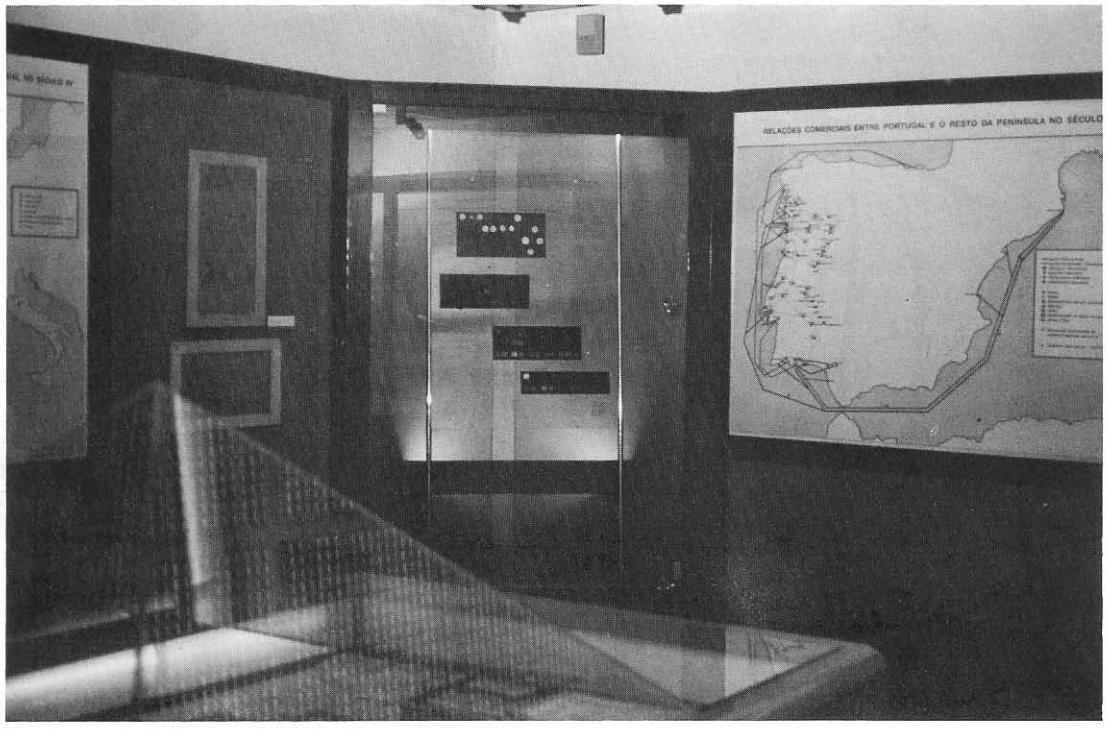
*** As moedas do sistema europeu: dinheiros e torneses**

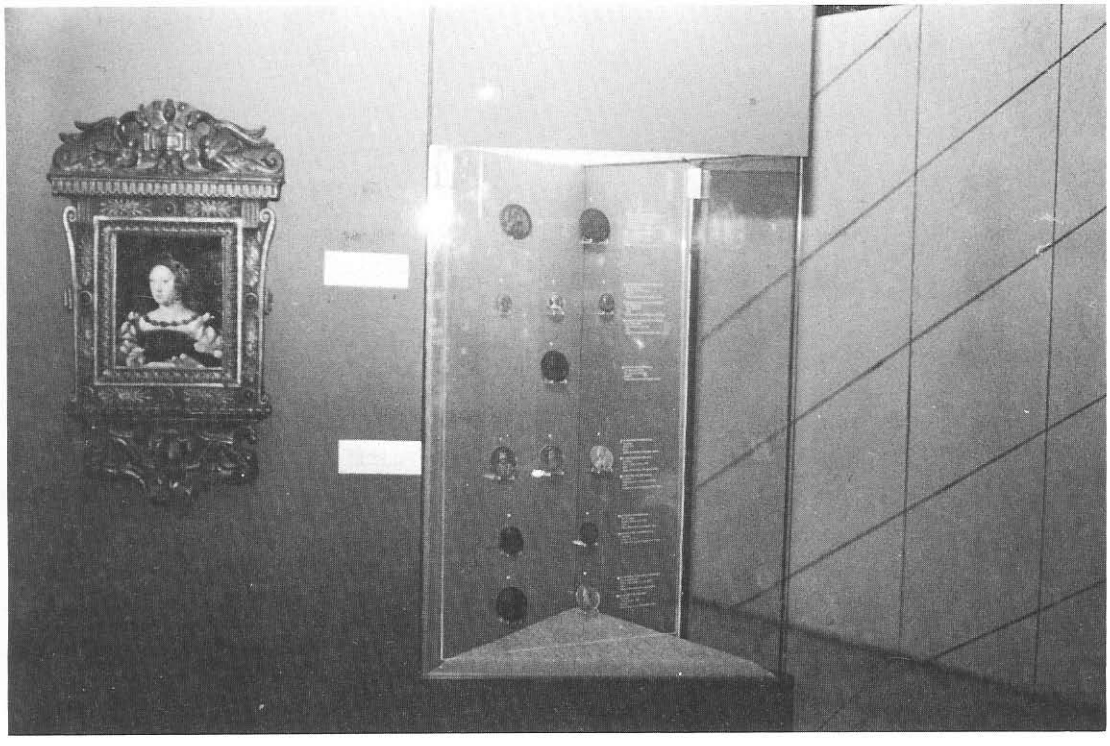
Dinheiros de bolhão do sistema carolíngio, de Castela e dos primeiros reis portugueses. Tornês de D. Dinis I. Reais castelhanos de D. Pedro I e portugueses de D. Fernando I.

*** As guerras com Castela e a depreciação da moeda**

Moedas de D. Fernando I, torneses, barbudas, graves e pilartes de bolhão; gentil de ouro.







CASA DOS BICOS

(A moeda no quotidiano dos séculos XV e XVI)

*** Independência nacional e quebra da moeda**

As guerras da independência nacional e a desvalorização da moeda no reinado de D. João I: reais de prata, de bolhão e de cobre.

*** As reformas de D. Duarte I e D. Afonso V**

O real branco, nova unidade monetária. Escudo e cruzado de ouro de D. Afonso V. Moedas de bolhão e de prata. O aparecimento do ceitil de cobre, a mais popular moeda da Dinastia de Avis.

*** A estabilização monetária**

Vinténs e meios vinténs de D. João II. A reforma das armas nacionais. Justos, espadins e cruzados de ouro.

*** Apogeu e declínio da moeda portuguesa**

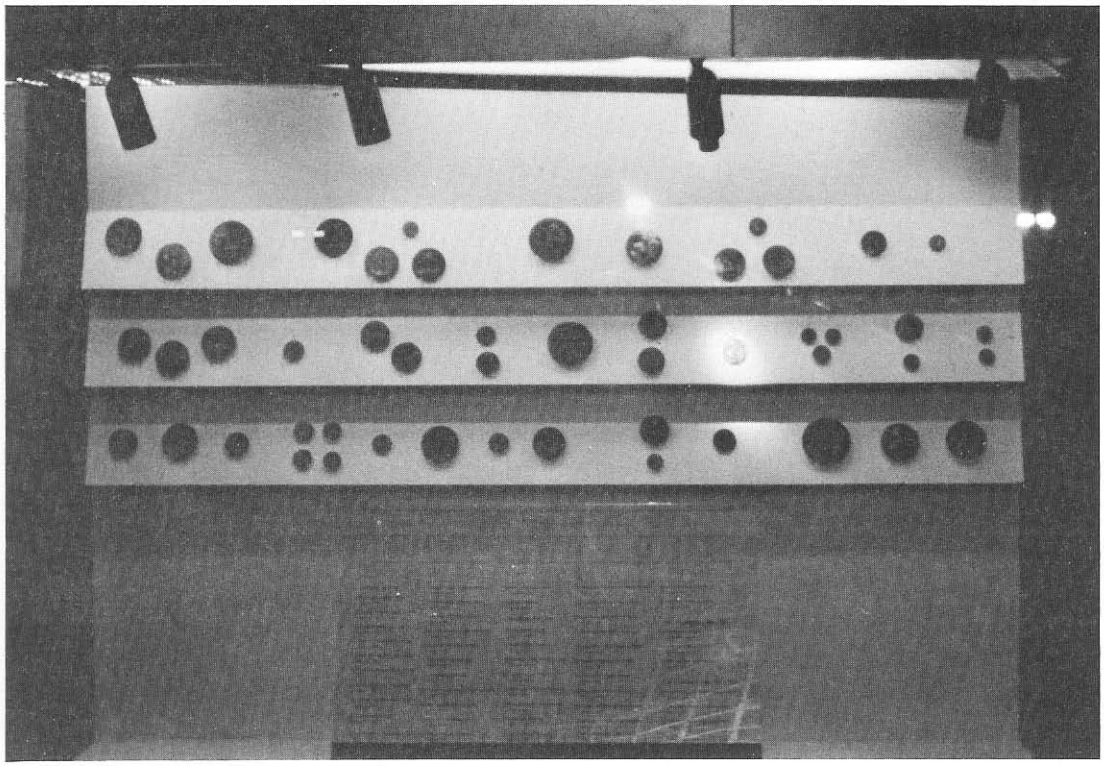
Cruzados, portugueses e São Vicentes de ouro; tostões e meios tostões de prata de D. Manuel I, D. João II e D. Sebastião. A pequena moeda de prata na circulação corrente. O aparecimento das grandes moedas de cobre.

*** Medalhas — Retrato de figuras da Casa de Avis**

As famosas princesas portuguesas que ligaram a Casa de Avis às principais casas reais da Europa.
Leonor, imperatriz da Alemanha, Isabel, mulher de Carlos V, Beatriz, duquesa de Saboia, Maria, duquesa de Parma, Joana, mãe de D. Sebastião.
D. Sebastião; Filipe I.

*** Medalhas renascentistas**

Pisanello, Mateo de Pasti, Sperandio, Leone Leoni, Pastorino, etc. A medalha como a mais característica criação artística do renascimento italiano.



TORRE DE BELÉM

(A armaria nos séculos XV e XVI)

*** Armas e fortalezas representadas em moedas**

Dobras e barbudas de D. Fernando I.
Espadins de D. Afonso V e D. João II.
Ceitis de D. Afonso V.

*** Moedas da rota**

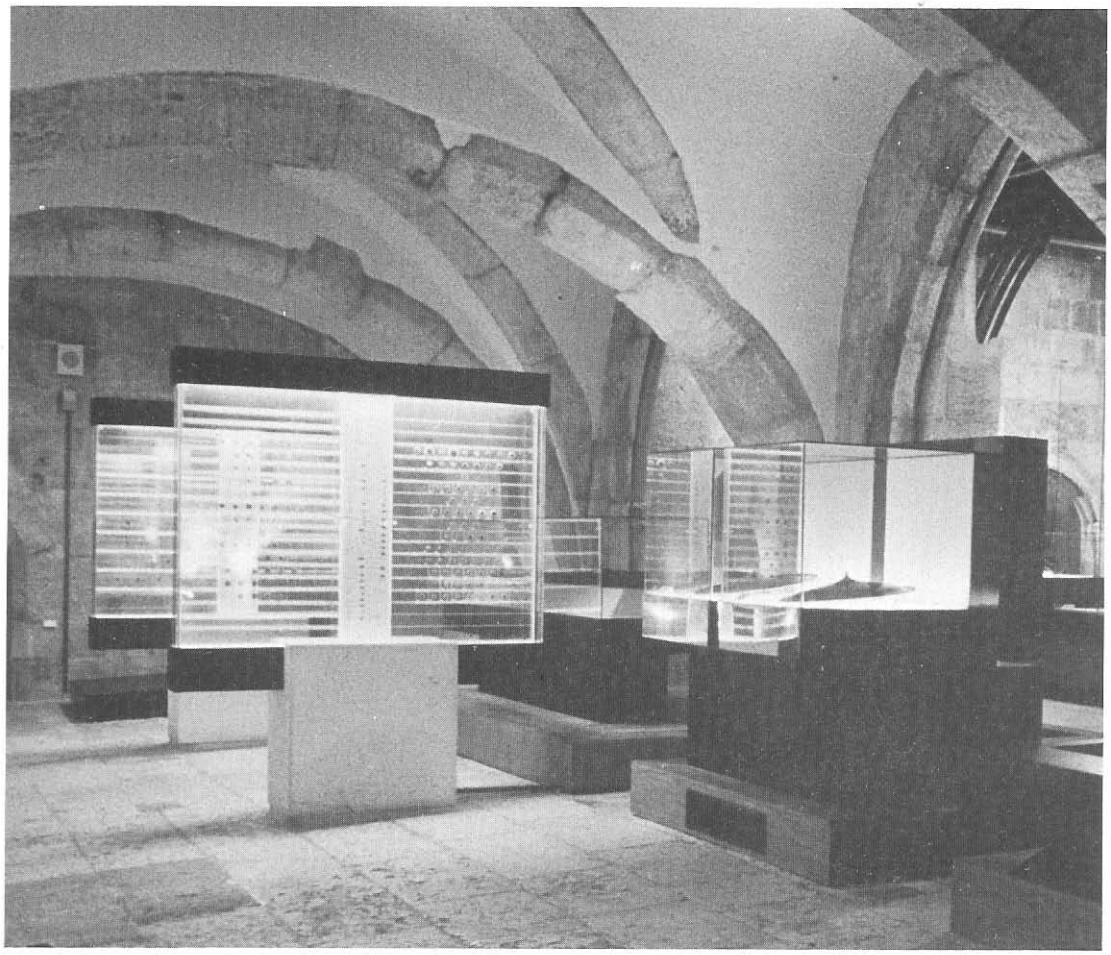
As principais moedas de ouro e prata utilizadas na rota comercial africana e da Índia.

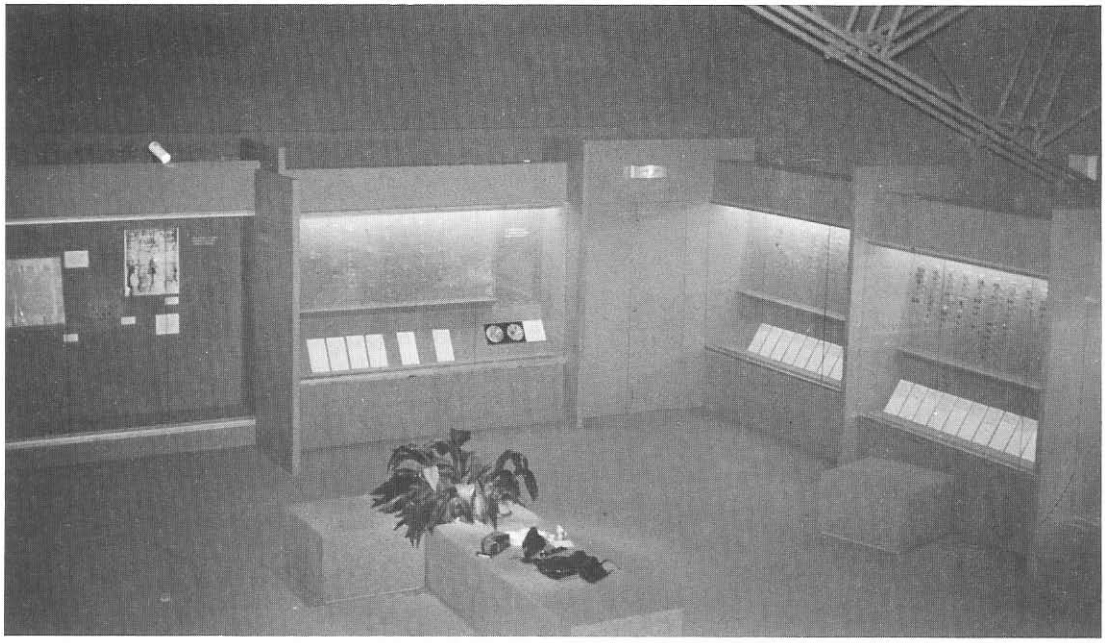
*** Moeda luso-indiana**

Evolução da moeda portuguesa cunhada na Índia, desde 1510 até ao reinado de D. João IV.

*** Moedas de D. António Prior do Crato**

As moedas da resistência armada de D. António nos Açores.



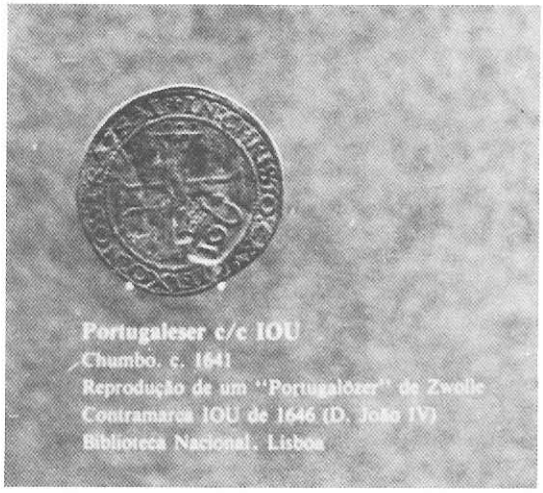


MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

(O desenvolvimento da economia nacional)

* **Nascimento e evolução da moeda portuguesa de cobre, 1415-1656**
* **Evolução da moeda portuguesa de bolhão e de prata, 1383-1656**
* **Ouro português amoedado, 1438-1656**
* **Da moeda-prestígio ao prestígio da moeda: «portugueses» e «portugalóides»**

Projecção mundial dos famosos «portugueses» de ouro de D. Manuel I e D. João III e as imitações estrangeiras que deles se fizeram na Alemanha, na Holanda e na Dinamarca.



MOEDAS COMEMORATIVAS DA XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA

Por ocasião da realização em Lisboa da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda emitiu uma colecção de três moedas comemorativas, de prata (835 °/oo), com os valores faciais de 500$, 750$ e 1000$.
O limite da emissão foi fixado em 260 000 colecções, das quais 10 000 «provas numismáticas — *proof*».
Foi a primeira vez, nos 30 anos de história das exposições de arte do Conselho da Europa, que tais eventos foram homenageados por uma emissão de moeda.
As três moedas têm anverso comum, constituído pela esfera armilar, ao centro, sobre a qual assentam, em planos diferentes, a cruz de Cristo, na parte superior, e o astrolábio, símbolo adoptado para a XVII Exposição, na parte inferior. Ladeando a esfera armilar figura a era, em algarismos separados (19-83), e, por baixo, o valor facial respectivo.
As legendas desta face são, na parte superior, «República Portuguesa» e, na parte inferior «Descobrimentos — Renascimento», em alusão ao tema da XVII Exposição.
Os desenhos dos reversos das três moedas constituem um facto inédito na numismática portuguesa, já que reproduzem fielmente três famosas moedas da época dos Descobrimentos.

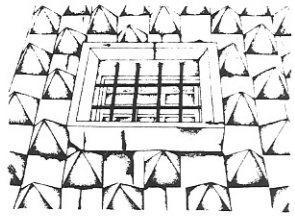
Na moeda de 500$ — O reverso da moeda de ouro chamada «meio-escudo de Ceuta», do reinado de D. Afonso V (1438-1481), nela figurando as torres e as muralhas de Ceuta banhadas pelo mar, com a legenda «CEPTE DOMIQ» (Senhor de Ceuta).
Cunhada na Casa da Moeda de Ceuta (cujas marcas monetárias ostenta) em data posterior a 1450 e anterior à reforma monetária de 1457, desta moeda apenas se conhece um exemplar, na colecção do Museu Numismático Português.

Na moeda de 750$ — o anverso da moeda de prata denominada «índio», do reinado de D. Manuel I (1495-1521), e que foi cunhada em 1499 para acompanhar Pedro Álvares Cabral na segunda viagem à Índia.
Trata-se de um dos menos conhecidos exemplares da numismática portuguesa, pois dele só existem registos documentais coevos. A moeda comemorativa reproduz a gravura tirada de uma fotografia de um exemplar que pertenceu à colecção de Julius Meili, leiloada em Amsterdão em Maio de 1910, e que foi identificada como correspondendo à descrição e ao peso do «índio» de D. Manuel I.

Na moeda de 1000$ — o anverso da famosa moeda de ouro de D. Manuel I, o «português», cunhada desde 1499-1502 com o ouro recolhido nas costas da Guiné e destinada a propagandear a grandeza do soberano português, cujos títulos descreve numa comprida legenda duplamente circular: «Emanuel I, Rei de Portugal e dos Algarves, Daquém e Além Mar em África, Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia», envolvendo o escudo real.
Do nome desta grandiosa moeda, que foi durante muitos anos a maior e mais pesada moeda de ouro do Mundo, copiada mais tarde por alemães, holandeses e dinamarqueses, derivou uma nova designação monetária,

Portugalöser, significando «uma moeda de ouro do mesmo valor, peso e toque da moeda de 'português'».
De referir ainda, o importante contributo financeiro que esta emissão monetária prestou à XVII Exposição Europeia. De acordo com o Decreto-Lei n.º 84/83, de 11 de Fevereiro, foram postos à disposição do Comissariado, 262 000 contos, dos lucros da amoedação, «para fazer face aos encargos decorrentes com a realização do mesmo acontecimento» (art. 1.º-§ 2).
Esta receita, obtida exclusivamente por via da soberania monetária das moedas comemorativas emitidas em 1983 — sem que tivesse havido qualquer participação do erário público ou agravamento da situação dos contribuintes — correspondeu a cerca de um quinto dos encargos totais com a Exposição, sendo superior, p. ex., ao montante dispendido com a reconstrução e adaptação da Casa dos Bicos.

A. M. T.



CASA DOS BICOS

NÚCLEO COORDENADO POR:

Vítor Pavão dos SANTOS

RESPONSÁVEL MUSEOLÓGICO

Maria Teresa Gomes FERREIRA

Maria Fernanda Passos LEITE

Assistência Técnica

José Manuel (Museu Calouste Gulbenkian)

PROJECTO, MONTAGEM, DESIGN

José Daniel Santa Rita FERNANDES

Manuel VICENTE

Coordenação:

Sebastião de CARVALHO,
Engenheiros e Consultores, Lda.

Construções SAMPAIO, Lda.
(Montagem da Exposição)

Luz e Som:

Projel, S.A.R.L

MEDALHAS — RETRATO DE FIGURAS DA CASA DE AVIS

Entre os objectos que apresentam retratos de figuras relacionadas com a Casa de Avis, as medalhas constituem um pequeno mas bem característico sector, como característica e inovadora foi essa nova forma de expressão artística, cuja criação e desenvolvimento ficamos a dever ao Renascimento italiano. Como se poderá observar com mais pormenor no Núcleo do Museu de Arte Antiga, a medalha nasceu como uma arte retratista por excelência, personalizada e humanizada. Ao contrário da medalha comemorativa dos nossos dias, frequentemente evocativa de instituições, acontecimentos de relevo, celebrações, etc., a medalha renascentista era sobretudo um documento pessoal, de fácil manuseamento e transporte, permitindo divulgar a aparência física do retratado bem como a sua personalidade.

Sem se tratar propriamente de um objecto de uso caseiro, a medalha renascentista exerceu funções semelhantes às da fotografia ou da gravura, obviamente com outra dimensão e extensão: executada em séries muito reduzidas e frequentemente encomendada aos mais populares artistas da época, era oferecida como recordação do retratado, da sua posição social, da sua obra ou dos seus feitos, e não pela originalidade ou maestria do artista e, muito menos, pelo valor intrínseco do material.

A enorme proliferação e desenvolvimento da medalha por toda a Itália quatrocentista, desde a primeira criação de Pisanello em 1438, motivou a sua divulgação em França, na Alemanha e na Holanda, desde princípios do século XV e, mais tarde, na Inglaterra e em Espanha. Em Portugal contudo, apesar do prestígio e fausto proporcionados pelas navegações e comércio dos Descobrimentos, e embora se verificassem permanentes contactos comerciais e diplomáticos com os estados italianos e do norte da Europa, que poderiam ter favorecido o conhecimento da nova arte retratista e a sua eventual introdução na Corte portuguesa, tal nunca veio a verificar-se, nem há notícias de qualquer medalhista italiano ter estado ao serviço de soberanos portugueses, anteriormente a 1580.

Mas se não existem retratos em medalhas de D. Manuel I (1495-1521) — cuja iconografia é, aliás, extremamente escassa, seja qual for a forma de expressão artística — assim como de D. João III (1521-1557), a política de alianças europeias então seguida veio finalmente permitir a fixação em metal de retratos de algumas formosas princesas, filhas e netas do rei *Venturoso:* Isabel, imperatriz da Alemanha (1503-1526-1539); Beatriz, duquesa de Sabóia (1504-1521-1538); Maria, duquesa de Parma (1538-1565-1577); Joana de Áustria (1535-1575), mãe de D. Sebastião.

Obras de escultores e medalhistas italianos de renome, como Leone Leoni, Jacopo da Trezzo e Pastorino, ou de outros anónimos que nos legaram os retratos do condestável D. Duarte e de D. Sebastião, as medalhas expostas representam, no seu conjunto, um pequeno mas valioso espólio, a maior colecção até hoje reunida de retratos em medalhas de figuras da Casa de Avis.

A.M.T.

144.
INFANTA D. LEONOR DE PORTUGAL, IMPERATRIZ DA ALEMANHA

(1434-1452-1463)
Ouro; ϕ 47,5 mm; s.d.
Col. Casa Real D. Luís I

Vila Viçosa, FCB, inv. 1

Anv. — LEONORA . FILIA . EDUARDI . REG . PORTUGAL . FRID . III . IMPER . UXOR. Ao centro, dentro de dois círculos de pontos, a figura da infanta D. Leonor, sentada, de frente, num trono ornamentado, coroada, com um ceptro na mão direita e um globo na esquerda encimada por uma cruz, dentro de um círculo formado por pequenos semi-círculos cujas extremidades são unidas por pontos.
Rev. — + UT . ROSA . FLORES . SPLENDORE . CORUSCO . PRAEFULGET. Ao centro, uma rosa espalmada, envolta pela seguinte legenda: + SIC LEONORA . VIRTUTUM . AMATO . CHORO . PRAESTAT, dentro de um círculo formado por pequenos semi-círculos.

Vulgarmente conhecida por «medalha da rosa», este belo exemplar faz parte da série das *Medalhas dos Judeus,* feita nos meados do século XVIII em Praga.

145.
IMPERADOR CARLOS V E SUA MULHER D. ISABEL DE PORTUGAL

(1503-1526-1539)
Leone Leoni (1509-1590)
Bronze; ϕ 74 mm; s.d. (1546-1547)
Col. Casa Real D. Luís I

Vila Viçosa, FCB, inv. 2

Anv. . IMP . CAES . CAROLVS . V . AVG. Busto de perfil do imperador, à direita de cabeça laureada, barba e armadura finamente trabalhada, com uma faixa da esquerda para a direita e o colar da Ordem do Tosão de Ouro ao pescoço. Cercadura pontuada.
Rev. DIVA ISABELLA AVGVSTA . CAROLI . V . VX. Busto a três quartos, à esquerda, da imperatriz D. Isabel, com toucado. Cercadura pontuada.

146.
INFANTA D. ISABEL DE PORTUGAL, IMPERATRIZ DA ALEMANHA

146.
INFANTA D. ISABEL DE PORTUGAL, IMPERATRIZ DA ALEMANHA

(1503-1526-1539)
Leone Leoni (1509-1590)
Bronze; ϕ 71/72 mm; s.d. (ca 1546)

Lisboa, MNP, inv. 2906

Anv. DIVA . ISABELLA . AVGVSTA . CAROLI . V . VX. Ao centro, o busto da infanta D. Isabel, com toucado, a três quartos à esquerda. Cercadura pontuada.

Rev. HAS . HABET . ET . SUPERAT. Ao centro, as três Graças, com ramos de frutos, abraçando-se; e dos lados dois Amores, em atitude de quererem colher os frutos. Exergo liso. Cercadura pontuada.

Medalha póstuma executada cerca de 1546, segundo o retrato da imperatriz pintado por Ticiano.

147.
IMPERADOR CARLOS V E A SUA MULHER D. ISABEL DE PORTUGAL

(1503-1526-1539)
Leone Leoni (1509-1590)
Estanho; ϕ 36 mm, s.d. (ca 1546)

Lisboa, MNP, inv. 2905.

Anv. IMP . CAES . CAROLVS . V. AVG. Ao centro a cabeça de Carlos V laureada e com barba, de perfil à direita.
Rev. DIVA . ISABELLA . CAROLI . V. VX. Ao centro, a cabeça da infanta D. Isabel, com toucado, a três quartos à esquerda.

148.
IMPERADOR CARLOS V DA ALEMANHA E SUA MULHER D. ISABEL DE PORTUGAL

(1503-1526-1539)
Valerio Belli (1468-1546)
Prata; ϕ 40 mm; 1530
Col. Casa Real D. Luís I

Vila Viçosa, FCB, inv. 3

Anv. . IMP . CAES . CAROLVS . V — P.F. AVGVST . AN . AET . XXX. Busto de perfil, à direita, de Carlos V, de cabeça coberta com um pequeno chapéu plano, com barba, roupagens da época e com a Ordem do Tosão de Ouro ao pescoço.
Rev. ✠ IZABELA . CAROLI IMPERATORIS . VXOR. Busto de perfil, à esquerda, de D. Isabel, de cabeça descoberta e cabelos entrançados sobre a orelha, com um colar de pérolas ao pescoço.

Estes dois exemplares, atribuídos a Valerio Belli, foram executados em 1530, ainda em vida da imperatriz.

149.
IMPERADOR CARLOS V DA ALEMANHA E SUA MULHER D. ISABEL DE PORTUGAL

(1503-1526-1539)
Valerio Belli (1468-1546)
Prata dourada; ϕ 38 mm; 1530

Lisboa, MNP, inv. 2907

Anv. IMP . CAES . CAROLVS . V P. F. AVGVST . AN . AET . XXX. Busto de perfil, à direita, de Carlos V, de cabeça coberta com um pequeno chapéu plano, com barba, roupagens da época e com a Ordem do Tosão de Ouro ao pescoço.
Rev. ✠ IZABELA . CAROLI IMPERATORIS . VXOR. Busto de perfil, à esquerda, de D. Isabel, de cabeça descoberta e cabelos entrançados sobre a orelha, com um colar de pérolas ao pescoço.

147.
IMPERADOR
CARLOS V
E D. ISABEL
DE PORTUGAL

149.
IMPERADOR
CARLOS V
E D. ISABEL
DE PORTUGAL

150.
PRINCESA D. JOANA
DE ÁUSTRIA

151.
INFANTA D. BEATRIZ
DE PORTUGAL
DUQUESA DE SABÓIA

150

151

150.
PRINCESA D. JOANA DE ÁUSTRIA, MÃE DE D. SEBASTIÃO

(1535-1573)
Jacobo da Trezzo (1514?-1589)
Bronze; ϕ 63 mm; s.d.

Lisboa, MNP, inv. 2908

Anv. IOANNA AVSTR CAROLI V IMP FILIA. Ao centro, o busto de D. Joana, em vestido de gala e gorro na cabeça, a três quartos à esquerda. Cercadura pontuada.
Rev. CONNVBII FRVCTVS. Ao centro, a figura de mulher, sentada, à esquerda ostentando na mão direita quatro espigas de trigo. Por baixo, entre as suas pernas, um coelho, e, ao lado, um escudo e flecha. Cercadura pontuada. Com orifício de suspensão.

151.
INFANTA D. BEATRIZ DE PORTUGAL, DUQUESA DE SABÓIA

(1504-1521-1538)
Itália, séc. XVI
Prata; ϕ 63 mm; 1554

Lisboa, MNP, inv. 2910

Anv. * BEATRIX * DVCISSA * SABAVDIAE * LVSITANIAE * REGIS * FILIA. Ao centro, o busto da infanta de perfil, cabeça coberta e cabelo apanhado numa coifa, com vestido de gala, voltada à esquerda, ladeada pelas legendas: IHS — MA. (Jesus-Maria)
Rev. * SALVTI * PATRIE * ET * AD * PERPETVAM * MEMORIAN * AN * SAL * 1554. Ao centro a Esfera Celeste, — divisa da infanta — tendo no zodíaco a legenda: S. M. I. D. M. E.

Exemplar finamente cinzelado, de excepcional beleza e raridade.

152.
INFANTA D. BEATRIZ DE PORTUGAL, DUQUESA DE SABÓIA

Itália, 1.ª metade do séc. XVI
Prata; ϕ 56 mm; s.d. (ca 1536)

Lisboa, MNP, inv. 2909

Anv. BEATRIX DVX — SABAVDIAE (flor-de-lis). Bordadura e cercadura contínua com rebordo muito largo e saliente. Busto de perfil, à esquerda, de D. Beatriz, de cabeça descoberta, cabelo entrançado sobre as orelhas e apanhado numa coifa sobre a nuca; vestido apanhado nos ombros e camiseira de gola baixa, redonda. Colar de pérolas ao pescoço, donde pende uma jóia.
Rev. Liso.

Medalha semelhante existe na colecção da Biblioteca Nacional de Paris, mas de metal amarelo e sem cercadura nem rebordo (ϕ 43 mm).

153

153.
INFANTA D. BEATRIZ DE PORTUGAL, DUQUESA DE SABÓIA

Itália, séc. XVI
Cobre prateado; ϕ 52 mm; s.d.
Col. Casa Real D. Luís I

Vila Viçosa, FCB, inv. 4

Anv. BEATRIX . EN . LVS . REGIS . FIL . CAR . III . VXOR. Ao centro, o busto da infanta de perfil, à esquerda, de cabeça coberta por um boné com plumas, cabelo caindo sobre a nuca e vestes adornadas com jóias e colares.
Rev. No semi-círculo superior: SPLENDIDVS . AD . CAROLVM . V . AVG . ADITVS . BON. Ao centro, à esquerda, Carlos V, trajando à romana, recebendo D. Beatriz, que se apresenta com as suas damas de honor, que a cobrem com uma umbela, vendo-se uma criança pegando-lhe na cauda, e, ainda, apontando-lhe Carlos V a paisagem de uma terra que ao longe se descortina à direita. Exergo liso.

152.
INFANTA D. BEATRIZ DE PORTUGAL, DUQUESA DE SABÓIA

153.
INFANTA D. BEATRIZ DE PORTUGAL, DUQUESA DE SABÓIA

154.
INFANTA D. MARIA DE PORTUGAL, DUQUESA DE PARMA

(1538-1565-1577)
Pastorino di Pastorini (1508-1592)
Bronze; ϕ 55 mm; s.d. (ca 1566)

Lisboa, MNP, inv. 2912

Anv. MARIA DE PORTVGALLO . P . ET . P . PRIN. Ao centro, o busto da infanta, de perfil à esquerda, cabeça descoberta com toucado. Corpete alto com gola e gorjal de folhos e largos ombros. Colar de pérolas.
Rev. Liso.

155.
INFANTE D. DUARTE, DUQUE DE GUIMARÃES E CONDESTÁVEL DE PORTUGAL

(1541-1576)
Do anv. (iniciais F. V.) e o rev. atrib. a Bombarda (Andrea Cambi).
Cobre (reprodução); ϕ 68 mm; s.d. (1572-1575)

Lisboa, MNP, inv. 1830

Anv. No semi-círculo superior: EDVARDVS . EDVARDI . ET . ISABELAE . INFANTV . FILIVS. Ao centro, o busto do infante, à esquerda, com armadura e cabeça descoberta, sustentando na mão direita o bastão, e na esquerda o capacete de plumas. Por baixo do bastão e do braço direito, as iniciais: F. V.
Rev. HAVD SIMPLEX VIRTVTIS OPVS. Ao centro, Palas, de pé, voltado à direita, com capacete e uma lança que segura com a mão direita, juntamente com um ramo de oliveira. No exergo: BOM. Cercadura de pontos.

O Infante D. Duarte de Portugal, neto de D. Manuel I, duque de Guimarães e condestável de Portugal, nasceu em Março de 1541, tendo falecido em Novembro de 1576.
Em 1572 recebeu o comando de uma poderosa esquadra, que devia partir de Lisboa para a França a auxiliar os católicos desta nação, empresa que não se chegou a concretizar (A. Lamas).
A existência de um outro exemplar no Gabinete Real de Parma (A. Armand), parece sugerir que no seu fabrico teve influência a duquesa de Parma, D. Maria de Portugal, irmã de D. Duarte, em data anterior a 1575.

154.
INFANTA D. MARIA DE PORTUGAL, DUQUESA DE PARMA

155.
INFANTE D. DUARTE, DUQUE DE GUIMARÃES

156.
D. SEBASTIÃO
DE PORTUGAL

157.
FILIPE II DE
ESPANHA

156.
D. SEBASTIÃO DE PORTUGAL

(1554-1557-1578)
Séc. XVI
Cobre; ϕ 45 mm; s.d. (1570)
Col. Casa Real D. Luís I

Vila Viçosa, FCB, inv. 5

Anv. * SEBASTIANVS DG REX . PORTUGALIE . ARABIE IN — DIAE ET AFRICAE ANNO AETATIS XVI, em dois arcos de círculos concêntricos. Busto de meio corpo, de frente, de cabeça descoberta e traje com gola alta e mangas muito largas nos ombros, braço esquerdo sobre o peito e o braço direito, apoiado no colo, segura as luvas. Lateralmente, à esquerda, a esfera armilar e um livro aberto.
Rev. SERENA CELSA FAVENT, num arco de círculo superior. Em baixo, um molusco preso à sua concha, nadando sobre o mar; superiormente, a lua em quarto crescente e sete estrelas (divisa e empresa de D. Sebastião).

157.
FILIPE II DE ESPANHA

(1527-1556-1598)
Cobre dourado; ϕ 55 mm; 1580

Lisboa, MNP, inv. 2918

Anv. PHILIPP . II . HISP ET NOVI . ORBIS . REX. Ao centro, o busto do monarca, voltado a três quartos, à direita, de cabeça coberta por um chapéu encanudado, barba e gorjal de folhos.
Rev. NON SVFFI — CITORBIS. Ao centro, a esfera do Mundo com um cavalo por cima e, por baixo, a data, 1580.

A presente medalha recorda a anexação de Portugal e das suas conquistas d'além-mar, as quais, juntamente com as conquistas de Espanha, inspiraram a conclusiva legenda do reverso.

II — MEDALHÍSTICA

ARMAND, A. — *Les médailleurs italiens des quinzième et seizième siècles.* Paris, 1883-1887, 3 vols.

FORRER, L. — *Biographic dictionary of medallists.* London, 1904-1930, 8 vols.

HEISS, A. — *Les médailleurs de la Renaissance — Vittore Pisano.* Paris, 1881.

HILL, G. — *Medals of the Renaissance.* London, 1978.

HILL, G.; POLLARD, G. — *Renaissance medals from the Samuel H. Kress collection.* London, 1967.

JONES, M. — *The art of medal.* London, 1979.

LAMAS, A. — *Medalhas portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal.* Lisboa, 1916.

REIS, P. B. — *Guia da mais notável colecção de medalhas portuguesas reunidas em Portugal.* Lisboa, 1959.